

REV. 7 FH

ANNO XII  
NUMERO 266



J. J.  
11.903

A ARTE  
MUSICAL



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Praça dos Restauradores, 43 a 49  
LISBOA



4  
1/2



# Lambertini

REPRESENTANTE

Editores Francezes

Edições economicas de Ricordi, Peters, Breitkopf, Litolf, Steingraber, etc.

Partituras  
de Operas  
antigas e modernas  
para piano e para canto

## Leitura Musical

POR ASSIGNATURA  
500 réis mensaes  
(Peçam-se catalogos)

PAPEL DE MUSICA FRANCEZ  
DE  
Superior Qualidade

**Pianos** das principaes fabricas: **Bechstein, Pleyel, Gaveau, Hardt, Bord, Otto**, etc. ✕ ✕

**MUSICA** dos principaes editores — **Edições economicas** — Aluguel de musica. ✕

**Instrumentos diversos**, taes como: **Bandolins, violinos, flautas, ocarinas**, etc.

PEÇAM-SE OS CATALOGOS



Praça dos Restauradores



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM.  
o Imperador da Alemanha e Rei da Prussia.—  
Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia.—  
Imperador da Russia.—Imperatriz Frederico.—  
Rei d'Inglaterra.— Rei de Hespanha.— Rei da Ro-  
mania.— SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia  
e Noruega. — Duque de Saxe Coburgo-Gotta. —  
Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).

BERLIN N.—5-7, Joannisstrasse.

PARIS.—334, Rue St. Honoré.

LONDON W.—10, Wigmore Street.

Representante e UNICO DEPOSITARIO dos  
CELEBRES **BECHSTEIN**  
PIANOS

Casa Lambertini \* Praça dos Restauradores

**BERLIM CAROL OTTO BERLIM**

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação de ferro, sommeiro em cobre ou ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, machinismo de repetição, systema aperfeçoado.

Exterior elegante—Boa sonoridade—Afinação segura—Construcção solida

**BERLIM CAROL OTTO BERLIM**



Redacção e administração: PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49 — Comp. e impresso na Typ. PINHEIRO, Rua Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARIO: — J. T. Radoux. — Curiosidades musicas. — Wanda Landowska. — Notas vagas. — Um pobre critico encravado pelos srs. Lambertini e Arroyo. — Real Theatro de S. Carlos. — Um Anonymo. — Noticiario. — Necrologia. — Caixa de Socorro a Musicos Pobres.

## J. T. Radoux

Na numerosa e brilhante lista dos artistas belgas da actualidade, tem um bom lugar o director do Conservatorio de Liège, compositor, director d'orchestra e historiographo musical.

João Theodoro Radoux é nativo de Liège e tem actualmente 74 annos.

Entrando para o conservatorio, que hoje dirige, em 1814, obtinha dois annos depois o seu primeiro premio de solfejo. Dedicou-se ao fagote e á composição, sendo discipulo, n'este ultimo curso, de Daussoigne-Mehul, fundador e primeiro director do Conservatorio de Liège. Era mesmo o seu discipulo dilecto. «*Daussoigne avait été mon maître, mon bienfaiteur*, diz Radoux em um dos seus livros, *il m'appelait souvent son fils, je m'attachai à lui prouver que j'avais la mémoire du cœur.*»

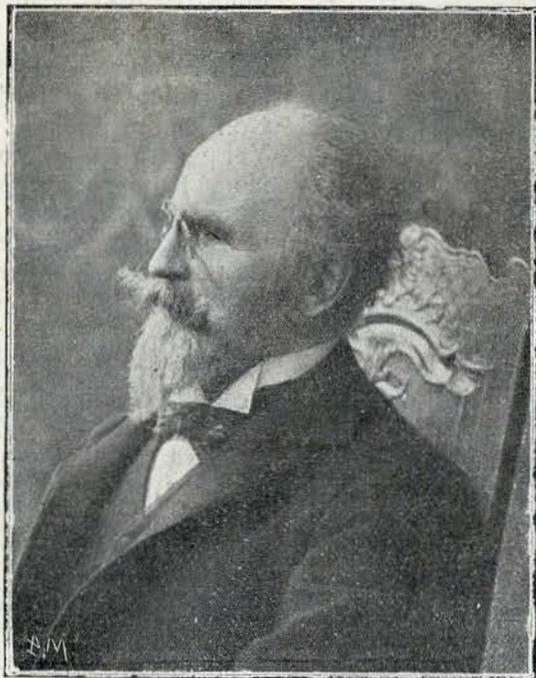
Em 1856 dirigia Radoux a aula de fagote e tres annos depois tinha, na composição, o primeiro premio, por unanimidade, para o grande concurso de Roma. Em 1860 con-

tinuava em Paris os seus brilhantes estudos, sob a direcção de Halévy.

Voltando á Belgica, consagrou-se inteiramente á composição, até que, em 1872, pouco depois da morte d'Etienne Soubre, recebeu a nomeação de director do Conservatorio de Liège, exercendo essas funcções até hoje com devoção e competencia notaveis.

O *Museu Gretry*, fundado em 1882, é tambem obra sua. Com enorme trabalho e não poucos sacrificios de toda a especie, conseguiu Radoux reunir ao cabo de um certo numero d'annos cerca de 200 peças interessantes, que hoje constituem esta curiosa collecção, e ce-deu-as em 1892 á cidade de Liège.

A obra de compositor de J. T. Radoux é variada e vastissima. Alem de um se'n numero de obras que ainda não publicou, conhecem-se d'elle 40 *Melodias* em 2 volumes, *Chanson du Pêcheur* e *Les Fileuses* para canto, *Solfèges de concours*, *Six morceaux religieux*, com orgão, *Te Deum* para vozes e orchestra, os poemas lyricos *Patria* e *Cain*, a opera-comica *Le Bearnais*, *Dix romances sans paroles* para piano, *Fuga d'orchestra*, 12 *Peças* para piano, *Coros* para vozes masculinas, em fran-



cez, flamenco e allemão, tres *Coros* para vozes de mulher, *Esperança, Fé e Caridade*, tryptico coral, seis *Melodias* para violino e piano; *Romance sans paroles* para violoncello, *Lamento e Elegia* para violino e violoncello, fantasias e marchas para banda militar, etc.

Apesar de avançado em annos, ainda escreve com grande segurança de mão e com toda a *verve* e enthusiasmo da idade juvenil; a sua ode coral, *Dieu!*, terminada ha poucos mezes, e feita sobre um poema de Arsène Houssaye, poderia ser subscripta por um novo, tal é o vigôr da concepção e a liberdade, por vezes arrojada, da factura.

Na sua obra litteraria, tem um logar importante a esplendida monographia sobre *Vieuxtemps*, publicada em 1891 no annuario da Academia Real da Belgica, e mais tarde reeditada em volume aparte. Como amigo pessoal e grande admirador do celebre violinista, Radoux produziu, n'este trabalho, com um raro sentimento critico, a melhor e mais curiosa copia de dados biographicos que se tem reunido sobre aquella illustre personalidade da musica belga.

E' tambem notavel a biographia de Daussoigne-Mehul, que, com a assignatura de Radoux, apparece no mesmo annuario, em 1882.



## Curiosidades musicaes

(Continuado do n.º 264)

XXX

Francisco Guerrero

O sr. Ernesto Vieira admitte-o no seu *Diccionario*, não como portuguez, mas para combater a falsa opinião dos que lhe deram a nossa terra por seu berço natal.

O sr. dr. J. M. Teixeira de Carvalho num estudo publicado no volume XLII do *Instituto*, refuta o mesmo erro.

Eu posso aduzir mais dois testemunhos de poetas seus compatriotas, pelos quaes se confirma que Francisco Guerrero era sevillano e não natural de Beja, como pretendia um falsificador litterario, infelizmente portuguez.

Um destes testemunhos não é explicito em quanto á naturalidade do musico hespanhol, mas indica-nos o alto conceito em que era tido como compositor e cantor.

Na dedicatoria da obra de Juan Vazquez,

*Recopilacion de Sonetos y Villancicos a quatro e a cinco*, Sevilha, 1560, vem esta allusão :

«En lo qual nuestra España tanto se ha de pocos annos aea illustrado, criando poco tiempo ha un *Cristóbal de Morales*, luz de la música; y agora en el nuestro algunos excelentes hombres; uno de los cuales nuestra Sevilla tiene y goza, que es Francisco Guerrero, que tanto lo secreto de la Música ha penetrado, y los afectos de la letra en ella tan al vivo mostrado.»

Veja-se Gallardo — *Ensayo de una Biblioteca*, tomo 4.º n.º 4186, pag. 930.

No poema em dous cantos de Vicente Espinel, *Templo de la Memoria*, encontra-se a seguinte passagem (canto 2.º fol. 464 e seguintes) :

Desta pieça salimos, y al momento  
Vera armonia celestial se siente  
De un concertado, y regulado acento,  
Que del divino no era diferente :  
De la musica entré en el aposento  
Llevado del oydó blandamente,  
Do vi dos hombres de saber profundo,  
Maestros mios, y de todo el mundo.

Foi Francisco Guerrero, en cuja scena  
De artificio, y gallardo contrapunto  
Con los despojos de la eterna pluma,  
Yel general supuesto todo junto;  
No se sabe que en quanto el tiempo sumna  
Ninguno otro llegou al mismo punto,  
Que si con la ciêcia es mas que todo diestro.  
Es tan grande cantôr, como maestro.

O outro que Espinel celebra é Navarro.  
Canta depois Cavallos, Rodrigo Ordoñez;  
Voluda, Galuez, Cabeçon, Peraça, Salinas,  
Castillo, Antolin e Martin de Herrera.

Entre as cantoras cita : D. Francisca de Guzman, Isabel Coelho; Ana de Luaço, Agustina de Torres.

O poema *Templo da Memoria* vem nas *Diversas Rimas*, impressas em Madrid por Luis Sanchez, año de MDXCI. Vi um exemplar na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

XXXI

Luis de Victoria, musico do infante D. Luis

Pedro d'Andrade Caminha (*Poesias*, pag. 272) consagra-lhe o epitaphio XXX, inscrevendo debaixo da dedicatoria estas phrases

encomiasticas: *o mayor musico de seu tempo e bom Poeta*. O epitaphio é d'esta forma:

«Foy Luis de Victoria, cujo esprito  
Foy na Musica só, nas Musas raro.  
A quem seu doce canto e brando escrito  
Tem dado immortal fama e nome raro.  
Tudo na terra acaba, outro infinito  
Tempo logra no Ceo fermoso e claro,  
Onde mais brandamente Alma levanta  
Os versos que mais doce tange e canta.»

Pela oitava de Caminha se vê que Luis de Victoria era tambem poeta, mas tem passado, tanto numa como noutra cousa, desconhecido aos nossos bibliographos. Era cavalleiro fidalgo da casa do infante D. Luis, a quem parece ter sobrevivido, mas era já defunto em 1556 pois n'este anno mandou D. João 3.º dar á sua viuva Margarida Antunes a tença de dous moios de trigo e a seu filho Manuel Ferreira a tença de seis mil reaes. Não duvido identificar este Luis Victoria com o musico, porque n'um manuscrito de *ditos e sentenças*, que ha na Torre do Tombo se conta uma anedocta passada entre o infante D. Luis e um seu musico Luis de Victoria, excellente tangedor de viola, o qual compuzera um credo e o cantara.

Dou a seguir a passagem do manuscrito e a carta de D. João 3.º :

«O Infante tinha hum musico chamado Luis de Victoria excelente tangedor de viola, o qual compoz hum credo e tangeho e cantouho ao Infante, a quem pareceo tam bem que lhe fez por isso merce: ao outro dia, tangendo-lhe este musico, perguntou a S. A. se queria que lhe tangese o credo, e o Infante respondeolhe que o tangese para sy, porque o que elle hua vez cria, nunca mais o duvidava, e explicando-lhe Luis de Victoria que bem crera elle ontem a merce que S. A. lhe fizera; tornoulhe o infante: pois que quereis vos agora Luis de Victoria que crera eu oje a merce que uos hey de fazer?»<sup>1</sup>

«Dom Joam de Aquantes esta minha carta virem faço saber que eu comcidy ao ifamte dom Luis, meu irmão, que samta gloria aja, de por seu falecimento fazer merce aas pessoas que delle tiuesem temças em vida lhas mandar dar das remdas que delle vaguasem pera mym e porque Marguarida Antunez, molher que foy de Luis da Vitoria, jaa defumto, que foy caualeiro fydallguo da casa do dito ifante, tinha delle dous moyos de trigo de temça em vida por hum padrão

feyto a xij dias de junho do anno de b<sup>liiii</sup> em satisfação dos seruiços que o dito seu marido tinha feytos ao dito ifamte, lhe mandey dar esta carta de padrão, pella qual, por niso lhe fazer merce, ey por bem e me praz que ella dita Marguarida Amtunez tenha e aja de mim de temça em cada hum anno em dias de sua vida os ditos dous moyos de trigo de janeiro que pasou deste anno presente de b<sup>lbi</sup> em diante, os quaes ey por bem que lhe sejam asentados e paguos no paull de Traua... Dada na cidade de Lisboa a 16 dias do mes doutubro — Joham Alvarez a fez — anno do nascimento de noso Senhor Jhuu xpo de j<sup>b<sup>lbi</sup></sup>; e eu Alvaro Pirez o fiz escrever.»

Segue-se outra carta identica a Manuel Ferreira, filho de Luis da Vitoria, de seis mil reaes em dinheiro e trinta alqueires de trigo, de tença.

(D. João 3.º L.º 65 folhas 302 a 302vº).

## XXXII

Frei Domingos de S. José Varella. — Mais um pormenor a seu respeito

Ao que já escrevi sobre este organista, tão notavel na theoria como na pratica tenho a acrescentar o seguinte: Innocencio da Silva atribue-lhe a construcção dos órgãos dos dois conventos beneditinos do Porto: o de frades (S. Bento da Victoria) ainda de pé; e o de freiras (Ave Maria) ja demolido. Não indica a origem da sua noticia, colhida talvez na tradição e o Sr. Ernesto Vieira accitou-a sem reserva. Consultando sobre este ponto o meu amigo e conterraneo o Reverendo F. J. Patricio, eis o que elle se dignou responder-me em carta do 1.º de janeiro de 1900.

«O Varella foi constructor dos órgãos de S. Bento da Victoria: assim o dizem os velhos e contam que elle se consagrava á fabricação de varios instrumentos. Os seus aposentos conventuaes eram uma officina: assim o ouvi a varios frades da ordem, entre elles o nosso conhecido Balthasar Velloso. No órgão não ha inscripção alguma.»

O órgão do convento da *Ave Maria*, na recente demolição do edificio, foi posto em hasta publica e arrematado pela confraria do Sacramento do Bomfim, em cuja egreja se acha. Tem a seguinte inscripção:

«Este Órgão mandou fazer D. Antonia Augusta Pinto da Cunha, celleireira do Mos-

<sup>1</sup> Torre do Tombo — Manuscrito 1126.

teiro, sendo D. Abbadessa a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Genoveva Victoria de Faria Gouveia no anno de 1817.»

## XXXIII

Annunciata Camilli. — Uma cantora italiana naturalizada portugueza

No reinado de D. José, tendo-se rompido as relações entre a côrte de Lisboa e a de Roma, foram mandados sair de Portugal os subditos dos Estados pontificios. Muitos delles, pelos prejuizos e transtornos que lhes causava semelhante medida, resolveram ficar, naturalizando-se cidadãos portuguezes. Neste numero entrava Annunciata Camilli, professora de musica, que viera a este reino para cantar e recitar nos theatros da opera. Na carta de naturalização, passada a 6 de outubro de 1760, diz-se que ella saíra de Roma com sua familia muito menina, aos cinco annos de idade, mas não se declara quando veio para o nosso paiz. E' muito provavel que o seu nome figure nos libretos de operas do seu tempo.

«Dom José, etc. Faço saber que Annunciata Camilli, professora de muzica, me representou por sua petição que ella viera a esta Côrte e Reino chamada por causa da sua Arte para cantar e recitar na Opera, e estava com animo de permanecer como obediente em tudo as minhas reaes resoluções entrava na duvida se o podia fazer sem que Eu o houvesse assim por bem pela supplicante ser nascida em Roma de aonde sahira da idade de 5 annos com seus Pays, e dezejava perpetuarse neste Reino como vassala minha me pedia lhe fizesse merce conceder-lhe Provisão para ser natural deste Reino e gozar de todas as honras e privilegios de que gozão os naturaes delle. E tendo attenção ao que a supplicante me representou Hey por bem conceder-lhe a graça de a haver por natural deste Reino, etc. Lisboa 6 de outubro de 1760.

## XXXIV

Manuel Antonio Cesar — Um mestre de solfa na Villa de Estremoz

Manuel Antonio Cesar era mestre de solfa na Villa de Estremoz; estava auctorizado pelo prior-mor da Ordem militar de S.

Bento d'Aviz, e pelo cabido d'Evora a ser elle o unico que pudesse levantar compasso nas igrejas da dita ordem que existissem no termo d'aquella villa. D. João V lhe confirmou esta regalia em provisão de 27 de agosto de 1727, que é do teor seguinte:

«Dom João etc. etc. como Governador faço saber aos que esta minha prouisão uirem que tendo respeito ao que por sua petição me representou Manuel Antonio Cesar, mestre de solfa na villa de Estremoz, de que o Rev. prior mor do Convento e Ordem de Avis e o Rev. Cabido de Euora lhe concederão licença para que ninguem levantasse compasso nas Igrejas da Ordem que se achão no termo da dita villa d'Estremoz senão o supp.<sup>e</sup> pedindo me lhe fizesse merce confirmar-lhe as ditas licenças: O que uisto e reposta do Procurador geral das ordens a quem se deu uista; Hey pôr bem e me praz confirmar as ditas licenças para que só o supp.<sup>e</sup> possa levantar compasso nas igrejas da Ordem de Aviz que estão no termo de Estremoz. Pello que mando, a quem o conhecimento desta pertencer a cumprão muito inteiramente. Antonio de Oliveira a fez em Lisboa aos vinte e sete de Agosto de 1727.»

Torre do Tombo Chanc. da Ordem de Aviz, L.<sup>o</sup> 27, folhas 312 v<sup>o</sup>.

Sousa Viterbo.



## Wanda Landowska

### II

A admiravel artista é hoje, como já dissemos, uma auctoridade no complicado assumpto da interpretação da musica antiga, graças a um longo e persistente trabalho prescurado nas bibliothecas, nos archivos, nas obras dos mestres e em tudo quanto a ellas se referia e relacionava.

A multiplicidade dos *agrémentos* ou ornamentos com que os compositores para o «cravo» attenuavam a segura e a falta de ligação de sonoridade, ornamentos tão variados de auctor para auctor, e origem de constantes questões e divergencias entre os musicos, mereceu a madame Landowska a mais acurada attenção revelada n'uma forma tão natural de os traduzir, que parece aniquilar toda a especie de duvidas e incertezas.

E do que constitue o estylo de cada mestre teve o auditorio a impressão plena, apre-

ciando na mesma sessão o inglez Purcell — o mais fecundo e genial dos compositores da Gran-Bretanha, Chambonnières, chefe da escola dos cravistas francezes, mestre dos Couperin, François Couperin (*le grand*), cravista da côrte de Luiz XIV e um dos mais extraordinarios compositores da França, Rameau, que foi o continuador d'este e igualmente gloria d'aquelle paiz, Domenico Scarlatti, representante illustre da escola italiana, que residiu alguns annos na nossa côrte como cravista do rei de Portugal, em 1721, e os allemães Haendel e Bach, o immortal João Sebastião Bach, o genial precursor da grandeza evolutiva de Mozart, de Beethoven e de Wagner.

Madame Landowska com a nitidez e perfeição da sua technica, a musicalidade da accentuação, a delicadeza da *nuance* e o seu elevado sentimento expressivo, fez viver no piano a admiravel «Partita» em *dó menor* de Bach, a deliciosa sonata em *ré* de Mozart, uma das mais bellas joias da preciosa collecção das sonatas para piano, e ainda duas valsas e uma mazurka de Chopin. Passando para o «Cravo», deslumbrou-nos com o prodigio da sua execução nas composições mais escabrosas, como por exemplo a «Sonata» em *lá* de Scarlatti, encantou-nos com a vivacidade e o sabor rustico dos «Rigaudons e Tambourin» de Rameau e deu-nos a mais interessante suggestão do pittoresco na peça imitativa de Couperin — «Les Viéleux et les Gueux» — que, na explicação que Madame Landowska prestou ao publico, «é qualquer coisa como uma historia de saltimbancos com os competentes ursos e macacos».

A todos os respeitos curiosa nos pareceu a «Ground» de Purcell e uma «Bourrée», dansa originaria do Auvergne que a illustre artista executou extra-programma, como ainda uma outra composição e a terceira parte do «Concerto italiano» de Bach, depois de amavel consulta ao publico sobre a peça a preferir.

No piano e sempre extra-programma, executou Madame Landowska n'uma sonoridade encantadoramente velludosa algumas das pequenas valsas de Schubert na edição original que attesta a inegalavel influencia melodica do grande mestre. A simplicidade adoravel das pequenas peças, tem-n'as feito esquecer pelos pianistas attrahidos de preferencia pelas illustrações que sobre ellas teem sido feitas para exhibição de virtuosismo empolgante. Tudo foi motivo de calorosas ovações e chamadas innumeradas á extraordinaria artista, que certamente todo o publico desejaria ouvir novamente se lh'o permittisse a demasiada série dos seus con-

tractos para os mais importantes centros musicaes europeus até á proxima primavera. Para outra vez será.

E como esclarecimento aos amadores devemos informar que a brochura da notavel pianista e cravista, que assignalamos existir com o titulo: *De l'interprétation des œuvres de clavecin de Jean Sébastien Bach*, e foi traduzida em quatro linguas se acha actualmente esgotada. O assumpto porém de que ella tratava encontra-se compendiado no livro de Madame Landowska «La Musique Ancienne» publicado no «Mercure de France».

Do *Diario da Tarde*.

ERNESTO MAIA.



### Cartas a uma Senhora

139.<sup>a</sup>

De Lisboa.

Estamos então com um anno a mais ou com um anno a menos, conforme á nossa pobre philosophia melhor convier, não é verdade?

Pois, querida amiga, acho prudente não nos lamentarmos demasiado, e no movimento pendular que marca todos os instantes da existencia com o rythmo, lesto ou compassado, que as nossas proprias paixões lhe imprimem e transmittem, ver apenas o natural desfiar dos dias, eguaes até na sua desigualdade, e trazendo-nos, invariavel e incessantemente, ora aspectos risonhos ora panoramas sombrios da infinita paisagem humana e social.

Esta mesma, formada de cambiantes varias, surgindo aos nossos olhos em alvoradas de sangue ou esbatendo-se em poentes d'oiro, a um tempo nos faz ver horisontes roseos de illimitada esperanza, abysmos negros de insondavel fundo.

De maneira que a attitudo logica, a attitudo justa, a attitudo, ia a dizer heroica, que nos convem tomar, ainda quanto a mim deve ser a da absoluta serenidade e a da tranquillidade mudez, quer em frente do imprevisto, quer perante o que se adivinha.

Dizem que para isso é preciso ser santo ou ser estoico, e alguns affirmarão dogmáticos, que se necessita estar penetrado de ideal ou de sciencia; não o contestarei, mas affigura-se-me que bastará talvez, dispor da memoria dos factos e, tendo a noção das realidades, interpretar aquelles com o auxilio d'estas.

Todavia, felizes os que, por dom possuam ou por estudo hajam adquirido, a visão psychica do mundo no interminavel desenrolar dos seus phenomenos. Para esses, doze mezes, doze annos, doze seculos, serão observados á mesma luz cortante da rasão, sobranceira e serena, e elles contemplarão indifferentes e impassiveis, augustos e incommunicativos, e quem sabe se porventura risinhos e descuidados, aquellas variadas cousas que a nós outros, miseros mortaes, nos farão ora estremecer de horror, ora palpitar de aneio, por dois ou tres minutos em que nos sintamos immergir em goso.

O sexo que V. Ex.<sup>a</sup> representa e cuja fragilidade sustenta e apoia a nossa fraqueza, está, por natureza, melhor armado para soffrer o desencadear de certos conflictos, e o seu largo seio, generoso e rico, supporta quasi contente o embate de determinadas paixões; mas nós, querida amiga, homens orgulhosos de quebradiça argila, nós, raro sabemos padecer e pouquissimas vezes nos conformamos a esperar. Assim, succede que enchendo a bocca com sonoros tropos e embriagando a mente com fallazes sonhos, de uma unica e vulgar minucia nos esquecemos sempre ou, melhor, não curamos nunca: a de por nossas proprias mãos edificarmos a modesta mas seguramente solida cabana onde caiba a felicidade, não a felicidade que enganosamente nos attrahe e nos deslumbra e que quasi nunca está onde a buscamos, mas a felicidade que, singela e despretençiosa, a miude passa ao nosso alcance, isto quando, o que é vulgar, entre nós se não encontra.

Enganar-me-hei, e como os homens, as senhoras serão por igual victimas do mesmo pesadelo que a tantos arrasta á morte e a centenas provoca a vertigem?

Na minha encyclopedica ignorancia do coração feminiao, possivel será que com effeito me illuda, e que ambos nós creaturas de carne e nervos, de phantasia e de ambição, de engano e de vaidade, consumamos as nossas energias tecendo o mesmo sonho e curtindo a mesma dôr; mas insisto em que o seu sexo, é, pelo menos, mais esthetico quando se defronta com o mysterio, talvez porque elle proprio, sendo o sagrado depositario d'um mysterio, a vida, e o eterno inspirador d'outro mysterio, o amor, ainda

conseguiu descobrir nos recessos do coração a perola suprema que se chama a ternura e a graça eterna que se chama a poesia, uma e outra gerando a bondade e criando a belleza...

Em todo o caso, e como quer que seja, o meu insaciavel desejo de paz e de harmonia entre as duas metades do ser sensivel e pensante que na terra passa luctando, querendo, construindo, leva-me, especialmente n'esta minha primeira carta do novo anno, a formular um voto que da alma sae e á sua alma se dirige, e esse vem a ser que todos nós que portuguezes nos chamamos e a Portugal pela essencia pertencemos, vejamos raiar brilhante o sol divino da civilisação que lá fóra dignifica povos, transforma nações, solidarisa classes, e emancipando consciencias, forma homens e disciplina vontades.

Chamar á communhão sagrada do saber a legião precita dos analphabetos que na surdez da sua intelligencia não ouvem a musica das letras e mal imaginam sequer que já hoje a humanidade não tolera o crime da ignorancia, levar esse pão eucharistico aos cerebros que teem fome de sciencia e de ensino; abrir clareiras na noite mental de tantos milhões de irmãos nossos, que o egoismo maltrata, que a miseria tortura, que a corrupção perverte: eis ahi uma obra abençoada e fecunda que a valer !g10 pôde iniciar.

Oxalá assim succeda, para derradeira alegria dos que por aqui ainda nos demoramos e possivel salvação dos que agora vem nascendo, e aos quaes um dia será grato reconhecer no solo que pisam o torrão florido e benigno dos seus paes, torrão que a despeito das medonhas catastrophes dos homens ou dos elementos que momentaneamente o toldam, sacudindo-o, inundando-o, enpobrecendo-o, é bem o delicioso ninho de que falou o Poeta, e mereceria de todos os seus filhos um bocadinho mais de compadecido e carinhoso affecto, e de superior e dedicado interesse.

Não lhe parece, querida amiga, que este meu voto é, modestia áparte, o que melhor deve traduzir os sentimentos collectivos da nossa gente? Assim uma formosa realidade viesse, não muito tarde, responder ás nossas tristes e persistentes apprehensões!...

AFFONSO VARGAS.



## UM POBRE CRITICO ENCRAVADO PELOS SRS. LAMBERTINI E ARROYO

### I

Li ha pouco na *Arte Musical* a ultima conferencia do sr. Antonio Arroyo na qual este senhor me honrou referindo-se a um estudo de critica psicologica que publiquei em Coimbra sob o titulo de *Apassionata de Beethoven e Viãna da Móta*; já ha tempos o sr. Lambertini se tinha referido a esse meu folheto e já então eu tive desejos de responder á sua critica, o que não fiz em vista dos muitos trabalhos que tenho sempre em mão. Estimulado pela critica do sr. Arroyo, nao resei á necessidade de fazer umas leves considerações sobre a maneira como se tem criticado o meu estudo e assim, sacrificando alguns minutos, aqui me teem os meus illustres criticos.

No meu trabalho, ha uma particularidade fundamental que nem o sr. Arroyo nem o sr. Lambertini nem o sr. Ferreira Mendes nem qualquer outro critico notou.

Hoje, quasi todas as obras criticas se limitam a um estudo, se isso se pôde chamar estudo, muito superficial, a que a psicoindivduologia, a psicopsicologia e a psiquiatria são absolutamente estranhas; Taine, talvez o fundador da critica scientifica, estudando por exemplo o aspecto sociologico da arte, conseguiu muito, mas como francez, não se profundou nessa orientação, pondo até quasi completamente de parte a psicologia individual que entrelaçando-se com a social dá-lhe a base e ao mesmo tempo o producto desenvolvido e a pathologica que tambem de modo algum se pode separar das outras; Nordau comprehendeu melhor a questão, mas como na sua ancianidade de mostrar o predominio da degenerescencia nos tempos actuaes se desorientou bastante, não só não ampliou a sua orientação a toda a critica mas tambem foi pouco profundo, fazendo destacar excessivamente o aspecto pathologico da verdadeira critica scientifica, factos que o levaram aos mais inadmissiveis exageros. Ora, não ha duvida que de modo algum podemos separar por completo as diversas sciencias e ainda menos podemos separar aquellas que teem um intimo contacto umas com as outras assim, por sua propria natureza, todas as partes da psicologia, a psicologia individual e a social, a normal e a pathologica só por um grande artificio ás vezes necessario,

se podem estudar separadamente e sempre que queiramos, não estudal-as em si, mas nas suas applicações, devemos conservar a sua natural união, facto que se deve dar na critica; o laço que intimamente as une, isto é, a psicologia phisica que por mim será criada, não necessita aparecer na critica que não deve ser tão profunda, mas basta um laço tenue, vago para ella ser superior.

E foi a isso, Srs. criticos do meu trabalho, que me propuz em grande parte, sendo certo que V. Ex.<sup>as</sup> não reconheceram isso por ser muito difficil reconhecerem-se ideias novas, pelo menos quando ellas não são claramente expressas, circumstancia que se deu no meu estudo; este foi uma simples tentativa da nova orientação que desejo dar á critica e nada mais!

N'um trabalho que estou preparando sobre Anatole France e principalmente n'um outro sobre a alma de Beethoven que só escreverei quando tiver conhecimentos profundos da *sciencia musical*, muito mais profundos do que os possuidos por muitos dos nossos criticos que ao pé d' um simples calloiro (permitti-me a expressão) da faculdade de musica das universidades allemãs ficavam muito a perder de vista, eu hei-de pôr bem em evidencia a minha orientação que no meu primeiro estudo de critica psicologica foi apenas delineada; n'esse estudo eu ainda separei excessivamente a psicopsicologia a que não dei a importancia necessaria, da psicologia individual, normal e pathologica e isto foi principalmente causado pela violenta crise de neurastenia sob a acção da qual eu escrevi o meu folheto; «o destralbelho algo alarmante dos meus nervos», como disse o sr. Lambertini, desnor-teou-me um pouco e tirou-me a serenidade indispensavel a todo o bom critico. Não quero dizer com isso, que a energia manifestada n'esse trabalho e que ha de ser uma das particularidades mais caracteristicas de quasi todas as minhas obras, seja absolutamente condenavel mas quero apenas indicar que ella pela sua excessiva intensidade foi-me um tanto prejudicial. Se eu, quando escrevi certos pontos, exteriorisava o meu nervosismo por um continuo estremecimento de névropata!...

Mas hoje, fiquemos por aqui e n'outro artigo concluirei a minha resposta.

RAÚL DE SOUSA LEÁL.





A presente quinzena decorre muito pobre de novidades líricas. Apenas tivemos no dia 4 a primeira audição da *Carmen*, que se esperava com interesse, pelo muito reclamo que d'ela se fizera. Para hoje anuncia-se o *Otello*.

Tanto pelo character alegre da musica, como pelo assunto espanhol do poêma, a *Carmen* é talvez a opera que mais atrae a concorrência ao teatro lirico; mas é tambem aquêla sobre que mais incidem as exigencias dos espectadores. E d'esta vez a critica feminina teve larga margem para as suas expansões.

A sr.<sup>a</sup> Fely Dereyne, a cargo de quem estava a protagonista da opera, se não é uma bohemia típica, uma cigana com os characteres fisicos de gitana de raça, uma Carmen de «pele côr de cobre, olhos obliquos e rasgados, labios sensuaes, dentes brancos, cabelos negros com reflexos azulados,» tal como a descreve Merimée, é uma mulher com dotes fisicos e atractivos de beleza proprios para cativar simpatias e provocar benevolos aplausos. Estudou com bastante cuidado a personagem e conseguiu imprimir-lhe as characteristics psicologicas da Carmen de Merimée: uma cigana impudica, inconstante, intemerata e supersticiosa.

Desejariamos ver mais rigôr no vestuario com que a cigarreira se apresenta no primeiro acto, e que se acha descrito na novêla de Merimée: «saia escarlata muito curta, deixando ver meias de seda branca, já muito gastas, e uns pequenos sapatos de marroquim vermelho, atados com fitas côr de fogo; a mantilha, intencionalmente afastada, deixava entrever os hombros e punha a descoberto um enorme ramo de acacias, que lhe enfeitava o seio; ao canto da bôca trazia tambem uma flôr de acacia».

Este pouco rigôr no vestuario da Carmen está de acôrdo com a infeliz lembrança que a empresa teve de mandar vestir a soldadesca com umas fardas azues agaloadas de branco. Vejamos o inconveniente de tal ideia.

D. José Lizarrabengoa estava alistado no regimento de dragões de Almanza, onde «tinha o posto de cabo, com esperança e promessa de promoção a sargento». O far-

damento era de côr amarela e a Carmen por causa d'essa côr, por mais de uma vez chamou *canario* a D. José. Em casa da cigana Doroteia, na rua do Candilejo, em Sevilha, depois de ter sofrido baixa de pôsto e algum tempo de prisão, quando no fim de um dia passado na orgia o soldado pretendeu voltar ao quartel, porque era a hora do toque de recolher, a resposta da Carmen foi:

— «Voltar para o quartel? E's algum negro, para te deixares conduzir á chibata? Vê-se bem que és um verdadeiro *canario*, na farda e no character »

Torna a chamar *canario* a D. José quando, de noite, estava de sentinêla a uma das portas da cidade. Mimoseia-o com o mesmo epiteto em casa da Doroteia, depois que êle matou o tenente. E não foi esta a ultima vez que a farda amarêla suggeriu a Carmen a ideia de chamar *canario* a D. José, porque ainda assim o alcunhou muito depois de êle ser contrabandista e ladrão.

Como é que a empresa de S. Carlos se lembra agora de vestir de azul os dragões de Almanza, na *Carmen*? Não conhece a novêla de Merimée?

Tudo isto prova o pouco zelo com que ás vezes em S. Carlos a encenação e o guarda roupa são confeccionados. Estamos no caso de aparecerem em cena cardiaes com bigode ou cortesãos com a barba por fazer em bailes e outros actos solênes da côrte

Para compensar a falta de rigôr no vestuario de apresentação da Carmen com prazer registamos que a sr.<sup>a</sup> Dereyne usou de trajos garridos, mas apropriados, tanto na taberna do Lillas Pastia como nos ultimos actos da opera.

Egual elogio desejavamos fazer á gentil artista como cantôra. A voz da sr.<sup>a</sup> Dereyne não tem infelizmente as qualidades precisas para satisfazer as exigencias da partitura de Bizet, que embora esteja escrita para meio soprano ou para soprano, em alguns trechos requer notas graves pastosas, como sucede na cena da consulta das cartas no terceiro acto. Para superar dificuldades recorre algumas vezes a sr.<sup>a</sup> Dereyne ás puntaturas indicadas na partitura, e outras vezes á transposição, quando não altera a melodia a seu bel prazer.

Pelo que deixamos dito se vê que a *Carmen* da sr.<sup>a</sup> Dereyne não é bem a *Carmen* de Merimée com musica de Bizet e que a empresa coadjuvou a formosa artista na criação d'esta *Carmen* de novo modêlo.

Não deixaremos de apontar dois defeitos que nos surpreenderam na sr.<sup>a</sup> Dereyne, educada na escôla francesa; referimo-nos ao pouco rigôr no compasso e na afinação. Atribuimos ambos a um vicio de emposta-

ção da voz, que se fatiga ao menor esforço. D'aqui a sua pouca firmeza e resistencia; a necessidade de apressar a terminação da melodia. A falta de exercicios apropriados para aumentar a capacidade toracica tambem força a sr.<sup>a</sup> Dereyne a ameadar as respirações, o que muito contribue para a fatigar. Já na época lirica passada alguma coisa dissemos a este respeito, quando na *Arte Musical* de 15 de Dezembro de 1903 nos referimos ao desempenho da *Mignon* pela sr.<sup>a</sup> Dereyne

A sr.<sup>a</sup> Emilia Scafidi podia ter cantado a área do 3.<sup>o</sup> acto com a mesma tranquillidade com que cantou o duêto do primeiro. A área tem responsabilidades, mas são bem inferiores ás do *Caro nome*. Arrefeceu demasiado com o frio da montanha e tremeu.

O tenôr Giorgi agradou-nos bastante na parte de D. José. A sua voz de tenôr lirico não tem o vigôr preciso para lances dramaticos como os do 3.<sup>o</sup> e 4.<sup>o</sup> actos. Cantou-os no entanto com muita consciencia e foi digno de aplauso na romança da flôr. Já o dissemos por ocasião do seu debute na *Dannazione*. E' artista com elementos para ser bom tenôr, se estudar e os souber aproveitar.

Do baritono Galeffi esperavamos bem mais. Foi pouco *toreador* nas estrofes da taberna; disse-as muito á italiana e com um sentimento que devia guardar para o duêto do 4.<sup>o</sup> acto. E no entanto a sua figura e a sua voz, de bela tuba sonora, prestava-se para um Escamillo de primeira ordem. Desconfiamos que a *Carmen* não estava no seu repertorio.

A direcção do *maestro* Mascheroni foi ás vezes um pouco precipitada. No quintêto do 2.<sup>o</sup> acto e no sextêto do 3.<sup>o</sup> explicariamos o facto pela intenção de encobrir a insuficiencia das segundas partes. Mas não succede o mesmo no interme-lío do ultimo acto, que foi tocado sem o colorido proprio e com uma vivacidade que lhe prejudicou o efeito. Digamos no entanto que é muito difficil dirigir bem, principalmente quando os artistas cantam em *tempo rubato* ou não sabem a quantas andam, como algumas vezes succedeu.

Não terminaremos sem elogiar o côro de rapazes no 1.<sup>o</sup> acto, que foi cantado com muita segurança e afinação. Parabens ao ensaiadôr. O verso em portugûes é que não sôa bem ali.

\*

Ainda á ultima hora podemos dizer alguma coisa a respeito da recita do *Otello*, que

a todos deixou satisfeitos pela superior interpretação dada á personagem de Iago pelo baritono De Luca. Não se pôde cantar melhor nem frizar com mais verdade o caracter cinico e mau de Iago. O brinde do 1.<sup>o</sup> acto é um escôlho para os baritonos, porque para o fazer salientar nem todos dispõem de uma tuba por igual forte e sonora. No 2.<sup>o</sup> acto, tanto no *credo*, que De Luca disse e terminou magistralmente, como no *sônho*, tem o distincto artista ensejo para fazer sobresair a grande maleabilidade da sua voz, que se presta maravilhosamente ao colorido do mais classico *bel-canto*. A interpretação dramatica da personagem é de rigorosa verdade, porque De Luca nem um só momento a descursa e consegue imprimir á fisionomia a expressão do cinico, ambicioso e baixo caracter de Iago. *Credo* e *sônho* foram muito applaudidos, sendo o ultimo repetido a contento de todos os espectadores.

No resto da opera conservou-se o notavel baritono a toda a altura das exigencias artisticas do odiento Iago.

A sr.<sup>a</sup> De Lerma, a quem muitas vezes temos applaudido com prazer, não tem na *Desdemona* um dos seus trabalhos mais felizes, porque a oscilação da sua voz pouco se apropria ao canto da melodia de largo desenho. Isso impediu que pudesse dar á *Ave Maria* a unção religiosa, o colorido e a tranquillidade que o trecho exige. No resto da opera teve a sr.<sup>a</sup> De Lerma momentos muito felizes, dando á personagem um caracter de ingenuidade digno de aplauso.

O tenor Gilion não nos parece ter feito do *Otello* estudo sufficiente. Vimos nêle muita impassibilidade em situações que exigiam mais exaltação. Nem tanto gesticular como no *Sansão*, nem tão pouco como no *Otello*. A sua voz tambem não possui o esmalte, a vibração nem a sonoridade precisas para dar brilho e vigôr a trechos como os da *Sante memorie*. Tambem não deu ás frases amorosas do bellissimo duêto do 1.<sup>o</sup> acto o apaixonado sentimento que lhe é proprio.

Preferimos sempre não falar das artistas que nos não agradam. Abrimos hoje uma excepção para dizer que o comprimario que cantou, ou melhor, se atreveu a querer cantar a parte de Cassio, está a baixo de toda a critica. E os comprimarios este anno escripturados estão todos na mesma. Porque será?

Côros com altos e baixos, como sempre.

A orquestra, á excepção de uma ou outra falta de unidade, pode dizer-se bem ensaiada. A batuta é que precisava de ser mais firme e mais atenta ao cantor. Tambem

devia haver mais calor na passagem dos contrabaixos, á entrada de Otello no 4.<sup>o</sup> acto.

11 de janeiro.

ESTEVES LISBOA

## Um Anonymo

A indole anonyma de uma queixa, que o correio nos trouxe, obriga-nos a tornar publica a resposta, por pouco que o assumpto interesse á maioria dos leitores.

Eis o texto do escripto : —

*Um antigo assignante da Arte Musical, vem por esta fórma agradecer ao sr. Lambertini, o convite, que, supõe, se esqueceu de lhe enviar como prometteu, para assistir á audicção das peças classificadas no Concurso de Musica Portuguesa, e para os premios das quaes, accedendo a um pedido feito pela Sociedade de Musica de Camara, concorreu com uma pequena parcella.*

*Depois de tal prova d'interesse por essa iniciativa, teve de se limitar a saber do resultado e do exito, simplesmente pelas noticias dos jornaes! ..*

Varias pessoas concorreram com effeito com donativos para a realisacção do Concurso de Musica Portuguesa. A todos agradeceu por escripto a *Sociedade de Musica de Camara* e a todas convidou, como lhe cumpria, para as audicções que se relacionavam com o mesmo Concurso. Exceptuaram-se comtudo os dois seguintes, pela simples razão de se lhes ignorar o nome e a morada e visto terem assignado na lista de subscripcção pela fórma seguinte : —

Anonymo ..... 500 réis  
J. L. .... 1.000 »

Vê-se pois que é um d'estes dois cavalleiros o queixoso. Ora a *Sociedade de Musica de Camara* não se limitou a pedir a *Anonymo* e a *J. L.*, que a auxiliassem no seu empreendimento; pediu a muita gente.

Como podia adivinhar quem são o *Anonymo* e o *J. L.* para os mandar convidar? São os precalços da modestia, meus senhores; tenham paciencia e lembrem-se que não ha virtude sem sacrificio...

Contentem-se pois sem os concertos e com o simples agradecimento da *Sociedade*

*de Musica de Camara*, pelos donativos com que quizeram concorrer para a sua obra. Esses agradecimentos é que é bom que aqui fiquem consignados visto que por culpa dos senhores proprios, lhes não foram lá parar a casa em tempo devido.



Consta que a distincta cantora, Eugenia Mantelli De Angelis, actualmente escripturada no theatro de S. Carlos, ficará entre nós para se dedicar á leccionação do canto e do piano.

\*

Em virtude do desastre que feriu o norte do paiz, resolveu a direcção do *Orpheon Portuense* transferir para mais tarde os concertos que estavam annunciados para o corrente janeiro, e de que a *Arte Musical* já havia dado nota.

\*

O nosso compatriota, D. Francisco de Sousa (Redondo), encontra-se actualmente em Bordeus, onde o seu grande talento de cantôr e os prodigiosos recursos da sua voz tem despertado grande entusiasmo. Assim o affirmam os jornaes locais, *La Vie Bordelaise* e *La Petite Gironde*, que temos presentes, e não resistimos ao prazer de reproduzir algumas linhas d'este ultimo, no ponto em que, a proposito de um concerto ali effectuado, se refere ao nosso estimado artista.

«Le professeur de Souza, de cette voix de baryton, si belle, si pleine, qui fait de lui un artiste incomparable, a fait littéralement crépiter la salle sous les bravos, avec l'air du toréador de *Carmen* et le monologue de l'opéra *Der Rittershaus*, de Carl Anders.»

\*

Segundo noticias recebidas, o distincto pianista Theophilo de Russel já tomou posse do logar para que havia sido contractado na escola de musica do Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte (Brazil).

Dirige superiormente esta escola o nosso conhecido violinista e compositor Nicolino Milano.

Esperamos publicar no proximo numero um artigo do nosso illustre collaboradôr, sr. Alfredo Sacavem, sobre o notavel *diseur* e poeta, Jean Richepin, cujas recentes conferencias no theatro D. Amelia tanto emocionaram o nosso mundo intellectual.

\*

Diz o *Seculo* que foram agraciados com o habito de Christo todos os subditos allemaes que concorreram para que a opera *Amôr de perdição*, do sr. João Arroyo, fosse posta em scena no theatro lyrico de Hamburgo.

\*

O segundo concerto de musica portugueza, promovido pela *Sociedade de Musica de Camara*, e em que se hão de executar um *Quarteto* e uma *Sonata* de Rodrigo da Fonseca e um *Quarteto* de José Henrique dos Santos, só se poderá effectuar em fevereiro. E' crível porém que ainda este mez se realise, um concerto de musica de camara, organizado pela referida Sociedade, e no qual se ouvirá, entre outras obras importantes, o *Quarteto* de Rubinstein para piano e cordas.

\*

A proposito do talentoso violinista, Ivo da Cunha e Silva, tivemos occasião de vêr uma carta do seu professôr José White, que lhe é o mais possivel lisongeira. Exprime-se assim o illustre artista cubano: — «Da Cunha

continua fazendo progressos e estou muito satisfeito com elle; não duvido que venha a ser um bom *virtuose*, se continuar estudando.»

\*

Já se encontra entre nós a distinctissima pianista, Marie Antoinette Aussenac, de volta de Paris onde os seus concertos foram, como aqui dissemos, infinitamente apreciados.

Espera-se que a gentil artista se faça ouvir em Lisboa e Coimbra, não podendo nós comtudo fixar por agora a data d'essas audições, cujo interesse é manifesto para todos os apreciadores de bôa arte.

Victima de antigos e crueis padecimentos, succumbiu em 28 de dezembro o sr. Antonio Epiphanio Baleizão, afinadôr de pianos e tocadôr de fagote em varias orquestras da capital.

Deixa viuva e uma filhinha, em afflictivas circumstancias.

—Falleceu em Guimarães o sr. João Ignacio, musico reformado de 1.ª classe e regente da philarmonica Bôa União.

—Em Trevistosa morreu o rev. Antonio José de Lima, antigo professor de canto-chão no seminario episcopal do Porto.



## Caixa de Socorro a Musicos Pobres

No cumprimento da obrigação, que nos impuzemos, eis-nos a dar conta aos nossos leitores e aos generosos protectores d'esta modesta fundação de caridade, da applicação dada aos varios donativos recebidos durante o passado anno. Nas columnas d'esta revista e conforme se havia promettido, figuraram successivamente as quantias aqui entregues durante o anno e o nome dos doadores. Infelizmente a totalidade d'essas verbas não excede a cifra, bem restricta, de 31\$555 réis, com que não poderiamos fazer face á compra de mais dois titulos, se não retalhassemos a differença do excedente de juros. Tomando essa medida, tivemos principalmente em vista augmentar o nosso pequenino fundo, que fica assim composto de 34 titulos de 4 % (1888), cujo juro será, como até aqui, applicado a socorrer em casos excepcionaes os musicos indigentes.

Para elles continuaremos a pedir sem descanso.

| Entrada                          |         | Sahida                           |         |
|----------------------------------|---------|----------------------------------|---------|
| Saldo de 1908 :                  |         | Compra de 2 titulos 4 % (1888).. | 43\$100 |
| De juros .....                   | 16\$515 | Subsidios fornecidos :           |         |
| Donativos durante o anno de 1909 | 31\$555 | A Antonio E. Baleizão....        | 13\$000 |
| Juros cobrados (2.º semestre de  |         | A Carlota da Silva.....          | 1\$000  |
| 1908 e 1.º semestre de 1909)...  | 19\$215 | A Maria Luiza d'Araujo... ..     | 1\$000  |
|                                  |         | A Darida de Jesus Rocha..        | 2\$000  |
|                                  |         |                                  | 17\$000 |
|                                  |         | Saldo n'esta data :              |         |
|                                  |         | De juros.....                    | 7\$185  |
|                                  | 67\$285 |                                  | 67\$285 |

## Caixa de Socorro a Musicos Pobres

por iniciativa da

## ARTE MUSICAL

- I—Acceitam-se quaesquer donativos ainda os mais insignificantes, por uma só vez.
- II—A importancia total dos donativos é applicada á compra de titulos do governo, cujo rendimento será distribuido pelos artistas mais necessitados, que requeiram subsidio á administração da revista.
- III—Será publicada em todos os numeros da *Arte Musical* a lista dos subscriptores e quantias com que subscreverem.

- IV—Na séde da administração da revista e mais tarde, nos estabelecimentos de musica, theatros, salas de concertos, etc., que o consintam, serão expostos mealheiros especiaes, para o mesmo fim.
- V—Nas columnas da *Arte Musical* virá publicado annualmente um balanço promenorizado do movimento da Caixa.

|                                 |          |
|---------------------------------|----------|
| Transporte .....                | 696\$985 |
| Beatriz Barros Simões .....     | 1\$560   |
| Mealheiro da Casa Lambertini .. | 1\$060   |
| Segue, réis .....               | 699\$605 |



## Um milagre da sciencia

A tysica é a doença da época. Muitas e variadas são as causas, que concorrem para a diffundir, causas que é inutil lembrar aqui; mas o certo é que, até agora, a tysica é conhecida geralmente como a *doença que não perdôa*.

Não é sem infinita alegria que chegamos ao conhecimento de que o celebre professor **Giuseppe Bandiera**, de Palermo (Italia), um sabio que envelheceu no exercicio da sua sciencia, descobriu, depois de longos e profundos estudos, um remedio singularmente efficaz contra os microbios da tysica, propondo-se, em presença do exito obtido e da importancia da sua descoberta, a submeter o seu especifico ao exame de uma commissão do governo, afim de que seja experimentado o novo remedio nos hospitaes civis e militares. Alem disso, uma serie de conferencias nas principaes cidades da Italia dará a conhecer todas as vantagens do producto.

O doutor **Bandiera** vive em Palermo (rua Cavour, 89, 91) e possui numeros attestados de medicos e doentes milagrosamente curados. Foi o jornal *Il Secolo* o primeiro a dar, nos seguintes termos, a boa nova á humanidade padecente :

«O remedio que acaba de apparecer para curar a tysica é, ao que parece, um antiseptico. Sustenta o doutor **Bandiera** que o seu especifico faz desaparecer os symptomas da tysica, em dois ou tres mezes, extinguindo o bacillo de Koch, e que o paciente se encontra absolutamente curado no praso peremptorio de 120 dias. O doutor **Bandiera** offerece a sua medicina a todos que d'ella necessitem e reserva-se para publicar uma analyse da sua descoberta, logo que se tenha reunido a Commissão Sanitaria da Provincia».

Para concluir : Não podemos deixar de felicitar o illustre e veneravel medico e convidamos todos os que soffrem a dirigirem-se immediatamente a elle. Não ha tempo a perder : o primeiro ataque de tosse é bem frequentemente o primeiro estertor da agonía !

Os pedidos devem ser feitos em francez ou italiano.

**GAVEAU** Grande Fabrica  
DE  
**PIANOS**

SÉDE SOCIAL: 45 e 47, Rua La Boetie - PARIS

OFFICINA MODELO: Fontenay-sur-Bois (Seine)

**Hors Concours**: Barcelona (1888) - Moscow (1891) - Chicago (1893) -  
Amsterdam (1895) - Paris (1900).

**Diplomas d'Honra**: Amsterdam (1883) - Antuerpia (1885) - Bruxellas  
(1888)

**Grand Prix**: Hanoi (1893) - Liège (1905).

Na Casa Lambertini encontra-se sempre um variado sortimento de  
x x pianos d'esta reputada fabrica x x

Augusto d'Aquino

RUA DOS CORREEIROS, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados  
para a Importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

**CARL LASSEN, ASIAHAUS**

HAMBURGO, 8

AGENTES EM: - Anvers - Havre - Paris - Londres - Liverpool - New-York

Embarques para as Colonias, Brazil, Estrangeiro, etc.

Telephone n.º 986.

End. tel. CARLASSEN - LISBOA

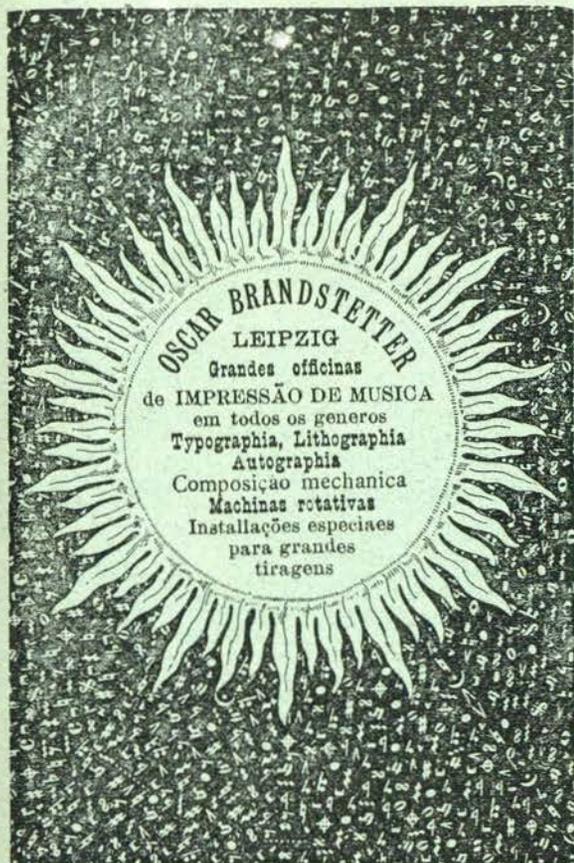


Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual..... 3:000  
Produção até hoje ..... 120:000

Exposição Universal de Paris (1900)

Membro do Jury—Hors concours



**Caressa**   
&  
 **Français**  
Celebre  
**Violaria**  
parisiense

Violinos de superior fabrico  
30\$000, 70\$000, 120\$000

Accessorios para Instrumentos d'arco  
(Especialidade)

Representante em Portugal **Lambertini**



**Carl Hardt**



== Fabrica de Pianos == **Stuttgart**

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensa nas seguintes exposições:— Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **Casa Lambertini**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

# Professores de musica

|   |
|---|
| <b>Adelia Heinz</b> , professora de piano, <i>Rua de S. Bento, 56, 1.º E.</i>                         |
| <b>Alberto Sarti</b> , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>                               |
| <b>Alexandre Oliveira</b> , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>                          |
| <b>Alexandre Rey Colaço</b> , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>           |
| <b>Alfredo Mantua</b> , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>             |
| <b>Amelia Cunha</b> , professora de piano, <i>R. Rosa Araujo, 31, 1.º</i>                             |
| <b>Antonio Soller</b> , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO.</i>                        |
| <b>Arthur Trindade</b> , professor de canto, <i>R. Barata Salgueiro, 11, 1.º</i>                      |
| <b>Carlos Augusto Tavares d'Andrade</b> , prof. de piano, <i>R. de S. Roque, 61, 2.º</i>              |
| <b>Carlos Gonçalves</b> , professor de piano, <i>Rua do Monte Olivete, 12, C, 2.º</i>                 |
| <b>Carolina Palhares</b> , professora de canto, <i>C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º E.</i>           |
| <b>Eduardo Nicolai</b> , professor de violino, <i>informa se na casa LAMBERTINI.</i>                  |
| <b>Elisabeth Von Stein</b> , professora de violoncello, <i>R. S. Sebastião das Taipas, 75, 3.º D.</i> |
| <b>Ernesto Vieira</b> , <i>Rua de Santa Martha, 232, A</i>  |
| <b>Francisco Bahia</b> , professor de piano, <i>R. Luiz de Camões, 71.</i>                            |
| <b>Francisco Benetó</b> , professor de violino, <i>Costa do Castello, 46.</i>                         |
| <b>Guilhermina Callado</b> , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal de Mello, 131, 2.º, D.</i>     |
| <b>Joaquim A. Martins Junior</b> , prof. de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>              |
| <b>José Henrique dos Santos</b> , prof. de violoncello, <i>T. do Moinho de Vento, 17, 2.º</i>         |
| <b>Léon Jamet</b> , professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>          |
| <b>Lucila Moreira</b> , professora de musica e piano, <i>Avenida da Liberdade, 212, 4.º D.</i>        |
| <b>M.ª Sanguinetti</b> , professora de canto, <i>R. da Penha de França, 4, 3.º</i>                    |
| <b>Manuel Gomes</b> , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>              |
| <b>Marcos Garin</b> , professor de piano, <i>C. da Estrella, 20, 3.º</i>                              |
| <b>Maria Margarida Franco</b> , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>                      |
| <b>Philomena Rocha</b> , professora de piano, <i>Rua D. Carlos I, 144, 3.º</i>                        |
| <b>Rodrigo da Fonseca</b> , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.</i>           |
| <b>Victoria Mirés</b> , professora de canto, <i>R. Conde Redondo, 35, 2.º</i>                         |

## A ARTE MUSICAL

Preço por assignatura semestral  
Pagamento adiantado

|                               |             |
|-------------------------------|-------------|
| Em Portugal e Colonias .....  | 1\$200 réis |
| No Brazil (moeda forte) ..... | 1\$800 »    |
| Estrangeiro .....             | Fr. 8       |

**Preço avulso 100 réis**

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

**PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49 — Lisboa**